

O débito clássico em questão: relações entre a Grécia e o Ocidente na Antiguidade e na Modernidade

The classical debt in question: relations between Greece and the West in Antiquity and Modernity

HANINK, J. *The classical debt: Greek Antiquity in an era of austerity*. Cambridge: Belknap, 2017. 337 p.

Jorwan Gama da Costa Junior*

Recebido em: 20/12/2018
Aprovado em: 09/02/2019

The *classical debt*, de Johanna Hanink, foi publicado em 2017 dentro de um contexto de produção de uma série de livros que discutem, analisam e defendem a presença dos clássicos no mundo moderno. Vale ressaltar dois deles. O primeiro, *Confronting the classics* (BEARD, 2013), aponta para a necessidade de se estudar os clássicos não como um conhecimento pronto e acabado que se impõe sobre os modernos, mas sim como um diálogo que recebe novos significados a partir de novos contextos de uso. O segundo, *Classics: why it matters* (MORLEY, 2018), expõe a necessidade de ampliar as discussões sobre o uso dos clássicos para o grande público, refém de interpretações oriundas de outros meios, como o cinema, a televisão e a internet, especialmente os serviços de vídeo via *streaming*. Hanink consegue congrega tais premissas em seu livro, que oferece a seus leitores uma conversa com o passado clássico grego a partir da maior e mais recente crise econômica vivida pela Grécia desde o fim da Segunda Guerra Mundial, assunto que invadiu as capas dos jornais europeus (e, por que não, Ocidentais) por meses. Por fim, o livro ainda se mostra eruditamente sofisticado, ao se posicionar como uma ótima obra de recepção clássica, aplicando conceitos discutidos por Charles Martindale (1993)

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), sob a orientação da Dra. Claudia Beltrão da Rosa.

e Simon Goldhill (2011), dois dos mais relevantes autores sobre a recepção dos clássicos na modernidade.¹

Formada em Cambridge, Johanna Hanink é Professora Associada de Clássicos na Universidade de Brown, e tem profunda preocupação com a relação entre o passado clássico e a política moderna.² Ativa nas redes sociais, mantém um *website*, no qual disponibiliza suas produções escritas em duas seções distintas: academia e mundo real.³ Ao contrário do que faz em seu *website*, em *The Classical Debt*, a autora escreve concomitantemente para a “academia” e para o “mundo real”, mantendo o rigor científico a partir de um texto facilmente compreensível para o público leigo.

Segundo Hanink reporta no prefácio do livro, a ideia de escrever a obra veio de um período de estudos na Grécia, entre 2014 e 2015. Sendo testemunha ocular dos acontecimentos que levaram à moratória grega, Hanink percebeu como o passado clássico do país era constantemente utilizado, principalmente nos jornais, internet e televisão, para retratar o sombrio período pelo qual o país passava. Além desse prefácio, o livro conta com sete capítulos e um epílogo, especialmente dedicado aos educadores. Completam a obra as notas, as indicações para leituras futuras, os créditos das ilustrações e o índice, totalizando 337 páginas.

O primeiro capítulo, *Champions of the West*, evidencia e sumariza a questão que percorrerá todo o livro: a Grécia tem débitos financeiros com seus credores internacionais, contudo esses mesmos credores (especialmente Alemanha, França e EUA) têm um débito muito maior com ela, tendo em vista que a ideia de civilização, que marcou a construção da identidade moderna ocidental, está invariável e intimamente ligada à Grécia clássica. Para estabelecer esta relação, a autora apresenta as discussões a respeito da posse dos Mármores de Elgin, entre 1980 até 2012. Aqui, ela se utiliza de uma fala de Stephen Fry, que evidencia que, mesmo diante da crise econômica grega, o Ocidente também deve muito à Grécia em termos de história, álgebra, astronomia e justiça, por exemplo.⁴ Mas de onde vem essa ideia? Segundo a autora, é justamente essa pergunta que reside no coração do livro, cuja resposta aponta para a segunda

¹ *The classical debt* estabelece o uso de material clássico no presente a partir de seu contexto de produção e de recepção, desvendando as chamadas camadas de conhecimento que formam a interpretação dos modernos sobre os antigos, conforme defendeu Martindale (1993; 2006). Não obstante, a autora trabalha com um sem número de imagens criadas no século XXI, mas que se utilizam de temáticas antigas para reforçar discursos político-econômicos atuais. Essa abordagem a aproxima da relevante produção historiográfica de Simon Goldhill (2011).

² Maiores informações sobre sua vida acadêmica podem ser vistas em sua página na Universidade de Brown. Disponível em: <<https://vivo.brown.edu/display/jhanink>>.

³ Disponível em: <<https://www.johannahanink.com>>.

⁴ Como pode ser visto na passagem “that period saw the rise of everything that our culture now depends on. Philosophy. Logic. Euclidean mathematics. Empiricism. A refusal to take on trust everything that is told to you – Socrates died by that principle. History. Algebra. Justice” (HANINK, 2017, p. 5).

ideia principal da obra: se a construção da identidade europeia e ocidental passa pela Grécia clássica, as reações dos credores financeiros internacionais modernos à Grécia do século XXI evidenciam seus limites, incoerências e falhas. Assim, está estabelecida a rede triangular que servirá como base das discussões do livro: Europa Ocidental (EUA inclusive), Grécia Moderna e Grécia Clássica.

Ainda no primeiro capítulo, há o elemento mais frágil da obra de Hanink: a construção do Oriente como ameaça ao Ocidente durante a Modernidade. Refiro-me diretamente à análise da capa da revista *The Week*, na qual o Estado Islâmico é acusado de levar a barbárie ao Ocidente. O símbolo do grupo terrorista é replicado em um céu negro carregado de nuvens que paira sobre uma Paris iluminada, com destaque para a Torre Eiffel e para o Rio Sena. Civilização e barbárie estão representadas, respectivamente, na Paris iluminada e no céu negro com inscrições em árabe sobre ela. A partir dos estudos de recepção, essa associação poderia ter sua análise mais aprofundada, evidenciando que não se trata de uma invenção do século XXI, conforme a manchete, *Heart of Darkness*, indica para um leitor mais atento. A construção da imagem de um Oriente inferiorizado e ameaçador frente ao Ocidente foi profundamente estudada por Edward Said, em *Orientalismo* (1990). Um dos principais romances analisados por Said foi justamente a obra *Heart of Darkness*, escrita, em 1899, por Joseph Conrad. Nos dois primeiros parágrafos desse romance, o autor realça como o cruzeiro Nellie atravessa as águas do rio Tâmisa, em um ambiente iluminado, cujo céu e mar (no caso, o rio) se encontrariam no horizonte.⁵ Quatro elementos têm destaque tanto na capa do *The Week* quanto em *Heart of Darkness*: rio, céu, cidade iluminada e coração das trevas. Desde os estudos de Said, a utilização de tais elementos para retratar as relações entre Oriente e Ocidente não devem ser associados apenas ao contexto das ações terroristas que têm se repetido na Europa nos últimos anos. Assim, apesar de *The Week* e o Estado Islâmico pertencerem ao século XXI, ambos estão inseridos em um contexto discursivo que encontra suas raízes no século XIX.

O segundo capítulo, *How Athens built its brand*, é bem direto e atende à proposta do título. A autora reforça, nesse ponto, a necessidade de a academia se aproximar do grande público, sempre influenciado por outros elementos, como os filmes. Hanink destaca o fato de *Gladiator* e *Spartacus*, por exemplo, moldarem na sociedade uma imagem de um Império Romano cruel e explorador de escravos. A partir desses exemplos, ela ressalta ao

⁵ "The Nellie, a cruising yawl, swung to her anchor without a flutter of the sails and was at rest. [...] The Sea-reach of the Thames stretched before us like the beginning of an interminable waterway. In the offing the sea and the sky were welded together without a joint and in the luminous space the tanned sails of the barges drifting up with tide seemed to stand still in red clusters of canvas, sharply peaked with gleams of varnishing flatness" (CONRAD, 2006, p. 3).

leitor que os antigos também se preocuparam em construir suas próprias imagens, como foi o caso da *Eneida* de Virgílio. Desse modo, Hanink mostra ao leitor que a construção da marca que Atenas tem hoje encontra raízes na Antiguidade, quais sejam: 1) Atenas salvou a Grécia dos bárbaros; 2) Atenas é única; 3) Atenas é o lar das artes; 4) Atenas é produto de ancestrais excepcionais; 5) Atenas era muito melhor no passado. Destaco dois desses itens. O primeiro item seria o responsável pelo início das associações entre o termo bárbaro e o Oriente, movimento reforçado ao longo do período imperialista europeu dos séculos XIX e XX. O item 5 é derivado do item 4, justamente para evidenciar que Atenas Clássica foi tão genial que nunca a Atenas Moderna conseguirá se equivaler a ela, sendo, por isso, indigna de ser associada a esse passado de glórias.

O capítulo três, *Colonizers of an antique land* traça o histórico de viagens estrangeiras à Grécia. A questão central do capítulo é analisar como a Grécia se submeteu duas vezes às potências internacionais: em um primeiro momento com a colonização de sua história por escritores de outros países e, em um segundo momento, com a submissão financeira a políticas externas. Segundo Hanink, as viagens de britânicos e franceses, por exemplo, serviram para desqualificar os gregos no que concerne à construção de seu próprio passado. Com uma narrativa cuidadosa a respeito de como o conhecimento sobre a Grécia Clássica passou, a partir do século XVII, a ser diretamente associado à educação francesa e inglesa, Hanink continua a linha de pensamento que evidenciaria como a Grécia Clássica foi se descolando da Grécia Moderna, que não é vista nem mesmo como a detentora do mais elevado conhecimento sobre seu próprio passado. Hanink ressalta, contudo, que esse processo não é moderno, tendo em vista que Cícero não via nos gregos de sua época pessoas de valor como seus ancestrais. A autora termina o capítulo com o exemplo de como essa desvalorização dos gregos para a produção de seu próprio conhecimento alcança níveis extremos na atualidade. Hanink relata um caso no qual um acadêmico, amigo dela, não se inscreveu para uma vaga de emprego em literatura grega, pois, segundo ele, apenas quem tinha diploma Oxbridges ou de Londres, era considerado apto a concorrer. O resto seria apenas “um bando de gregos”.⁶

O capítulo quatro, intitulado *From State of Mind to Nation-State*, trabalha com a relação entre o passado grego clássico e a formação de sua identidade enquanto um Estado-Nação. A autora afirma que a corrente dominante em relação à identidade grega moderna é baseada em uma linhagem identitária que remonta diretamente à Grécia Clássica, ignorando o passado Bizantino do país e mesmo as revoluções que permitiram a independência grega no século XIX. Ela destaca três pontos-chave para entender

⁶ Tradução livre da expressão *Just a load of Greek*.

esse processo: 1) As fronteiras nacionais gregas correspondem à área do Mediterrâneo ocupada por Cidades-estado gregas na Antiguidade; 2) A língua grega é o principal fator de unidade da identidade grega; 3) A verdadeira herança cultural grega está na Antiguidade e não no passado cristão ortodoxo do período medieval bizantino.

O capítulo cinco, *Greek miracle 2.0*, traça um panorama da história grega desde o início do século XIX até a explosão da crise fiscal. Inicialmente, ele aponta como a Atenas da Grécia independente deveria mirar na beleza da Atenas clássica. Além disso, evidencia a importância da Grécia para o Ocidente, com exemplos de como os EUA e a Alemanha nazista se utilizaram de elementos culturais gregos para reforçarem não apenas suas identidades, como também as diferenças entre o Ocidente e o Oriente. Em outro exemplo do peso cultural do passado clássico grego, a autora lembra que o ditador Ioannis Metaxas, na década de 1970, proibiu o estudo do discurso do funeral de Péricles, pois se tratava de uma ameaça a seu governo. Ao fim do capítulo, a autora mostra como a Grécia do século XXI continuou tentando alcançar as glórias de sua ancestral e rival. Para isso, Atenas se candidatou para ser a sede das Olimpíadas e inaugurou o Novo Museu da Acrópolis.⁷ Ao fim desse período de (re)valorização da grandeza grega, a crise financeira explodiu, lembrando a todos a distância entre o passado clássico e o presente grego.

O capítulo seis, *Classical debt in crisis*, tem seu início com as explicações para a explosão da crise grega, intimamente ligada à crise internacional de 2008 e aos empréstimos feitos pela Grécia para cobrir seus déficits e para a construção da infraestrutura necessária para a realização das Olimpíadas de 2004. Nesse momento, a autora aprofunda suas explicações sobre a Grécia do século XXI, e apresenta algumas repercussões da crise grega pelo mundo. O jornal *Washington Post*, por exemplo, chama os gregos modernos de indolentes mentirosos que não merecem seu glorioso passado helênico. Ainda nesse capítulo, há outro ponto de destaque, o fato dos gregos muitas vezes não se considerarem europeus. Segundo a autora, quando um europeu fala em Europa, automaticamente há a inclusão dos gregos, contudo quando um grego fala em Europa, ele não se inclui necessariamente nesta categoria. O capítulo então se desenvolve a partir desse paradoxo, no qual a autora demonstra o processo de inserção da Grécia no mundo europeu desde como o débito clássico pode ser visto sob outra ótica, na qual os gregos modernos que não mereceriam seus ancestrais gregos antigos, cuja herança e passado somente foram salvos pelos esforços do Ocidente.

We are all Greeks? Com essa pergunta a autora inicia o último capítulo do livro, cujo foco será a noção de descendência dos gregos clássicos. Os seguintes pontos são

⁷ Foram necessárias três candidaturas para que a cidade lograsse sucesso.

trabalhados: a noção de que os gregos modernos descendem dos gregos clássicos foi criada nos séculos XVIII e XIX; no século XXI o ideal de branco da Grécia Clássica tem sido utilizado na luta de uma extrema-direita (grega e europeia) contra os imigrantes. Ao fim do capítulo, a autora lança uma pergunta que serve como base de discussões futuras: afinal, qual Grécia pertence ao Ocidente: a de um passado idealizado ou a atual? A conclusão do livro aborda uma temática extremamente atual e fecha o ciclo iniciado ainda no prefácio da obra. Segundo a autora, o débito clássico deve ser revisto por todos aqueles que tiveram suas vidas pioradas pelas mãos do ideal Ocidental grego, sejam os que sofreram com a intolerância ou com a construção de programas de purificação cultural. Assim, ela associa a construção da imagem da Grécia Clássica a problemas extremamente atuais da Europa contemporânea.

O último capítulo é seguido por um epílogo destinado aos educadores. Hanink aponta para a recorrência da relação entre Ocidente e Grécia Clássica nos livros didáticos. De forma extremamente relevante, aponta para três aspectos que podem ser acrescentados ao ensino da Grécia Clássica nas escolas: 1) como a propaganda realizada pela Atenas Clássica sobre si mesma influenciou nas visões ocidentais sobre a cidade; 2) Como a ideia do milagre grego contribuiu para a formação do mito da "Civilização Ocidental";⁸ 3) Encorajar estudantes a buscar formas alternativas para se analisar a noção de herança cultural.

Diante do exposto, reitero que o livro *The Classical Debt*, de Johanna Hanink, congrega a erudição da classicista com o rigor acadêmico da escrita historiográfica, em uma obra que aplica as mais recentes discussões sobre a recepção dos clássicos no século XXI. Isso tudo com uma escrita acessível a não especialistas, mas que mantém a sofisticação de uma pesquisa científica de primeira qualidade.

Referências

- BEARD, M. *Confronting the classics: traditions, adventures and innovations*. New York: Liveright Publishing Corporation, 2013.
- CONRAD, J. *Heart of darkness*. New York: W.W. Norton, 2006.
- GOLDHILL, S. *Victorian culture and classical Antiquity: art, opera, fiction, and the proclamation of Modernity*. New Jersey: Princeton University Press, 2011.

⁸ A autora utiliza aspas. Dentro da perspectiva do livro, as aspas são compreensíveis, uma vez que houve uma extensa discussão a respeito do que seria considerado civilização e mesmo o Ocidente.

- MARTINDALE, C. *Redeeming the text: latin poetry and the hermeneutics of reception*. Cambridge: Cambridge University Press. 1993.
- MARTINDALE, C. Thinking through reception. In: MARTINDALE, C.; RICHARD, T. *Classics and the uses of reception*. Oxford: Blackwell Publishing. 2006, p. 1-13.
- MORLEY, N. *Classics: why it matters*. Cambridge: Polity, 2018.
- SAID, E. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.